

---

## **Os estudantes, a rede e a notícia: uma análise sobre a apreensão de alunos do Ensino Médio sobre o conteúdo jornalístico produzido para meios digitais<sup>1</sup>**

Catarina Bruggemann dos SANTOS<sup>2</sup>

Claudia Maria Moraes BREDARIOLI<sup>3</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

### **RESUMO**

O presente artigo se refere a um projeto de pesquisa que se propõe a investigar como se dá o processo de apreensão do conteúdo jornalístico produzido em mídias digitais por estudantes de Ensino Médio em diferentes escolas da capital paulista que envolvam alunos de níveis sócio-econômicos distintos. A partir dos conceitos discutidos na área de interface entre Comunicação e Educação, um trabalho de campo será desenvolvido com base nas perspectivas propostas pelos Estudos de Recepção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Educação; Jornalismo.

### **INTRODUÇÃO**

As discussões no jornalismo têm girado bastante em torno de novos formatos e ao modelos de produção, que sofreram uma série de rupturas e mudanças de paradigmas ao longo dos últimos 30 anos, com a evolução, difusão e democratização da internet e de dispositivos de acesso a ela.

A mudança nas dinâmicas de comunicação faz com que diversos autores considerem que entramos em um momento em que “a vida é vivida na mídia, e não com a mídia” (BECKER, 2016, p.201), ou seja, a mídia permeia a interação e as experiências da vida por conta de uma dinâmica socioeconômica e cultural que suprimiu as barreiras na relação entre os indivíduos, a sociedade, e a mídia. Para o autor Henry Jenkins (2015), se trata de um processo cultural, de convergência entre meios e conteúdos e participação do consumidor na produção de conteúdo, uma vez que existem diversas plataformas, como o Medium, Tumblr, SoundCloud, WordPress, além das próprias redes sociais, Facebook, Twitter, Instagram, etc..., que permitem uma produção de conteúdo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ06 – Comunicação e Educação, da Intercom Junior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 02 a 07 de setembro de 2019.

<sup>2</sup> Aluna do curso de jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing. E-mail: catarinabrugemann@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing. E-mail: claudia.bredarioli@espm.br

---

independente e autoral, ocupar um espaço igual, ou semelhante, ao de tradicionais empresas de mídia dentro do campo digital. Neste contexto, o jornalismo se encontra em uma mudança radical, buscando entender qual é a melhor maneira de produzir notícias com credibilidade, inovando nos formatos e gerando audiência dentro deste ambiente.

O jornalismo no Brasil não está excluído deste contexto. No entanto, existe um conflito quando nos debruçamos sobre dados estatísticos referentes ao acesso a internet e como se dá a navegação dentro dela. Segundo a pesquisa TIC Domicílios de 2017, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), 26% dos entrevistados nunca acessaram a internet. Quando recortamos de acordo com a renda, podemos observar que, entre os que ganham até um salário mínimo, 40% nunca acessaram a internet, enquanto entre os que tem renda de mais de dez salários mínimos, este número diminui para 4%. Quando falamos sobre, efetivamente, o consumo de jornalismo, 55% dos entrevistados afirmaram que leram jornais, revistas ou notícias pela internet. Entre os entrevistados que nunca usaram a internet, 73% afirmam que nunca utilizaram por falta de habilidade com o computador, e 48% responderam que não acessam por ser muito caro.

O jornalismo, como um serviço que tem como função principal informar a sociedade e garantir a manutenção da democracia, encontra um problema na medida em que uma parcela significativa da população alega que tem dificuldades para navegar no ambiente digital, justamente onde se concentram os esforços para uma produção de conteúdo mais qualificada. E mais, mesmo os que acessam a internet pouco se interessam informações jornalísticas: quase 50% do público não busca notícias nesse meio.

Para compreender se a produção de notícias é apreendida de maneira adequada pelo espectador (ou leitor, ou ouvinte), a pesquisa pretende aplicar um estudo de recepção para dois grupos de perfis socioeconômicos distintos, já que a pesquisa TIC Domicílios de 2017 aponta que, independente da região do Brasil, grupos de menor renda têm menos acesso a internet em seus domicílios.

O grupo escolhido para ser analisado foi o de alunos no terceiro ano do Ensino Médio de uma escola particular, Colégio Augusto Laranja, e uma escola pública, Escola Estadual Ministro Costa Manso. Uma vez que os jovens já têm mais acesso à internet em comparação com grupos de outras idades. O recorte de acesso a internet de acordo com faixa etária feito pela pesquisa mostra que 91% do público de 10 a 15 anos já acessou internet. Esse número vai para 96% quando falamos de jovens de 16 a 24 anos.

---

O seguinte projeto está inserido no contexto das pesquisas comunicação e educação, pois entende que, assim como o jornalismo, a educação é fundamental como uma ferramenta de emancipação da sociedade, na medida que:

somente a partir da assunção da tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura, a escola poderá se inserir nas novas figuras e campos de experiência em que se processam os intercâmbios entre escrituras tipográficas, audiovisuais e digitais, entre identidades e fluxos, assim como entre movimentos cidadãos e comunidades virtuais (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.44).

Será feita uma seleção de matérias voltadas à cobertura política em diversos formatos dentro do contexto digital, revelando qual é a interpretação do conteúdo apresentado. Desta maneira, procuramos entender se a linguagem e os formatos escolhidos pelo jornalismo, são adequados à realidade da audiência. Entendemos que a compreensão de temáticas discutidas nesta editoria é fundamental para a auxiliar na construção de valores de cidadania e consciência política e social dos alunos, além de cumprir o papel de discutir assuntos que ainda não podem ser contemplados por livros didáticos por sua atualidade.

## **A TECNOLOGIA NO CONTEXTO PEDAGÓGICO**

A relação entre informação e tecnologia tem algumas características que podem ser bastante problemáticas. Ao mesmo tempo que instrumentos de difusão têm a capacidade de ampliar as fronteiras da informação, também existe o potencial de agravar desigualdades sociais, conforme coloca Milton Santos,

inclusão digital é uma faceta particular das questões de inclusão social, não se podendo empreender a primeira na ausência da segunda. Por outro lado, a inclusão (digital ou social) é par da exclusão (idem), sendo a própria exclusão social uma manifestação particular das desigualdades sociais, sobretudo das desigualdades que se expressam sob o rótulo da pobreza. (SANTOS, 2006, apud, GROSSI, DA COSTA, DOS SANTOS, 2012, p. 76).

Existe um grupo que está excluído do acesso a tais tecnologias, e essa separação entre quem tem ou não acesso está ligada ao poder econômico de determinados grupos. Portanto, este estágio da globalização tem o potencial de aumentar o degrau da desigualdade, ao invés de diminuí-lo (SANTOS, 2002). Além da questão da infraestrutura, que limita o acesso, a ausência de letramento digital é mais uma maneira

de produzir desigualdades, a partir do momento em que o analfabeto digital carrega o mesmo estigma e as mesmas limitações que os analfabetos (ARAÚJO, 2007).

O analfabeto é o homem impedido de dizer sua palavra. É a alfabetização será, então, a práxis educativa que devolve aos homens seu direito de dizer o que vivem e sonham, de ser tentos testemunhas como simples autores de sua vida e de seu mundo. Deixando de ser uma simples “falta de instrução” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.38).

A inclusão digital efetiva só é possível a partir do letramento digital. O letramento é compatível com a ideia que temos de alfabetização, na medida que entendemos que o alfabetizado não é apenas aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que interpreta o que lê e escreve. A autora Carla Moreira esclarece: “a relevância do letramento, tanto do tipo usual quanto do digital, (...) é muito mais do que saber ler e escrever ou navegar na internet. Na realidade, consiste em saber utilizar esses recursos para aplicá-los no cotidiano, em benefício do próprio usuário” (MOREIRA, 2012, p.3).

Quando discutimos a questão da tecnologia inserida dentro do ambiente pedagógico, falamos sobre o domínio de tais ferramentas e a maneira como estas estão inseridos na dinâmica de sala de aula. Conforme coloca Martín-Barbero: “Se já não se escreve nem se lê como antes é porque tampouco se pode ver nem representar como antes” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.43). Outros teóricos compartilham essa visão de que a prática pedagógica não se limita mais a experiências estritamente verbais, mas sim uma amalgama de mensagens, signos e códigos que não estão restritos a educação formal (CITELLI, 2006).

No entanto, apesar das características positivas dos elementos digitais, não se pode perder de vista a qualificação das atividades dentro da web. A questão é: “Em poucos minutos, os mais distantes lugares do planeta ficam à nossa disposição graças à internet, ao rádio, à televisão. Se do *start* resulta o conhecimento, aí é outra história” (CITELLI, 2006, p.162). Por este motivo, é importante analisar se as mensagens que tentam ser transmitidas pelo jornalismo, são apreendidas pelo público.

## **OBJETIVOS DA PESQUISA**

A partir do cenário exposto e do problema estabelecido, que é a apreensão de jovens em situações econômicas distintas sobre o conteúdo jornalístico voltado à política produzido dentro do ambiente digital, separamos duas escolas com diferentes perfis socioeconômicos. A primeira delas é o Colégio Augusto Laranja, participante do

Programa de Escolas Associadas da Unesco, que tem em seus objetivos declarados criar “condições para que esse aluno seja capaz de agir, de forma segura e responsável, em uma sociedade na qual a diversidade estará sempre presente”. Se trata de uma escola particular, com mensalidades de R\$ 2.370,00 a R\$ 3.525,00, localizada na região de Moema, zona sul de São Paulo, com cursos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A outra é a Escola Estadual Ministro Costa Manso, localizada no bairro Itaim Bibi, também na região sul de São Paulo, recebe alunos de diversos bairros de São Paulo, que podem ter vindo de instituições da rede estadual, municipal ou particular. Segundo a apresentação da Escola em seu site, muitos dos alunos chegam apresentando Nível de Proficiência Abaixo do Básico, o que fez com que a escola reformulasse sua concepção, implementando o Programa de Ensino Integral desde 2014, que busca suprir uma série de obstáculos da educação atual. É uma escola exclusivamente dedicada ao ensino médio.

Pretendemos analisar como os alunos de cada colégio, com suas respectivas diferenças de renda, dialogam com o conteúdo exposto, a partir do entendimento que o campo da comunicação e educação,

se apresenta como novo espaço teórico-prático capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes. Trata-se de tarefa complexa, que exige o reconhecimento dos meios de comunicação como um outro lugar do saber, atuando juntamente com a escola e outras agências de socialização (BACCEGA et al, 2006).

A escola e os meios de comunicação cumprem o papel de agentes socializadores, portanto, é interessante que estes estejam conversando entre si, inclusive pelo fato que a mídia, e os meios de comunicação, apresentam forte influência sobre como é feita a interpretação do mundo que vivemos (BACCEGA et al, 2006). É preciso ter um olhar crítico sobre estes recortes, o que se torna possível através da alfabetização e do letramento do sujeito, de acordo com os conceitos expostos anteriormente, uma vez que

conhecer o código alfabético e ser protagonista nas decisões dos grupos sociais de que participa não basta ao sujeito do século XXI, pois a sua cidadania passa também pela necessidade de saber manipular um computador, de preferência conectado à Internet, a fim de ocupar um lugar que a sua contemporaneidade lhe reserva/ impõe. Ou seja, é preciso que o homem e a mulher desse século sejam sujeitos letrados também digitalmente (ARAÚJO, 2007, p.80)

A relevância do letramento está em como utilizar os recursos possíveis dentro do ambiente digital em benefício do próprio usuário, e a escola é o ambiente apropriado para o desenvolvimento das competências do internauta, desde que tais recursos sejam aplicados de maneira didática. O que vemos no ambiente escolar muitas vezes vai na

---

contramão desta ideia. O tradicional “guarde o celular” gera uma ideia de que a sala de aula não é o espaço para a navegação. (MOREIRA, 2012) (GÓMEZ, 2005)

A opção por analisar o contexto do letramento digital em duas escolas de diferentes perfis socioeconômicos parte da ideia de que desigualdades sociais têm o potencial de favorecer a exclusão digital (GROSSI; et al, 2013). Por meio da pesquisa, será possível observar se o acesso à internet de forma mais democratizada, uma vez que verificamos por meio da TIC Domicílios que o público em questão têm acesso a internet, promove uma leitura qualificada do conteúdo exposto. O mero dado estatístico não é capaz de ilustrar a qualidade do acesso, no sentido da velocidade da conexão, custo para navegar, a diversidade do uso, entre outros aspectos do caráter da navegação (SORJ; GUEDES, 2005).

## LENTE TEÓRICAS

O projeto está inserido no contexto de pesquisas que compõem a interface Comunicação-Educação, e se fundamenta teoricamente, especialmente, nos autores Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco Gómez, Adilson Citelli, e Maria Aparecida Baccega, esta última também inspira as escolhas metodológicas, calcadas nos Estudos de Recepção.

Baccega (2006) parte da ideia de que “não basta falar em educação para os meios ou em leitura crítica dos meios, como se os meios de comunicação fossem uma realidade externa, “de fora”.” (BACEGGA; et al, 2006, p.2). A mídia está presente em praticamente todas as relações imagéticas, o que faz com que esta proponha recortes que ditam a construção do mundo para cada indivíduo de acordo com o tipo de mídia ao qual este está exposto. É uma relação que determina o que o indivíduo deve ou não conhecer, sob qual ponto de vista deve-se enxergar determinados temas, etc. A escola também cumpre tais funções, mas essa divisão de tarefas não vem se concretizando de forma equilibrada (BACCEGA, 2006).

A Internet – como a tecnologia, de maneira geral – permite uma nova relação entre espaço e tempo, uma nova dimensão do conhecimento. Ela também nos mostra que não há como ignorar que vivemos numa sociedade mediada na qual a mídia aparece como elemento constituinte, o que confirma mais uma vez essa necessidade de exposição à mídia no processo de inclusão social do cidadão (BACCEGA et al, 2006, p.10).

O pesquisador Adilson Citelli trabalha com o conceito de *escola paralela*, que produz informação e educação, mesmo que fora dos tradicionais ambientes de instituições

de ensino. A mistura destes dois campos é o que o autor chama de *ecossistema comunicativo*.

A sociedade – e a escola formal dentro dela – está recortada por redes e fluxos de comunicação. Nesse aspecto, o conceito de ecossistema comunicativo abriga: a) experiências culturais, (...) b) um conjunto de possibilidades técnicas e tecnológicas, que incluem mediadores como a internet, a televisão, o rádio; c) um espaço educativo deslocalizado. (...) Admitir a existência de um diálogo próximo entre comunicação e educação significa, portanto, constatar que não se aprende/apreende mais como ocorria em tempos dominados por ciclos do conhecimento construídos, apenas, em torno da oralidade primária ou da escrita (CITELLI, 2006, p.162-163).

Martín-Barbero (2014) reforça as questões discutidas anteriormente sobre inclusão e exclusão a partir da percepção da linguagem, e o domínio dela, como uma ferramenta de emancipação à condição de opressão. “A parte que cabe à linguagem – permitir ou impedir a entrada do indivíduo a um grupo social – é instalar-nos em um sistema de coisa a partir do sistema das palavras” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.29). Mas acredita que nossos modelos atuais vêm falhando neste objetivo: “A escola continua consagrando uma linguagem retórica e distante da vida, de suas penas, suas ânsias e suas lutas tornando absoluta uma cultura que asfixia a voz própria” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.25).

Também com uma perspectiva crítica sobre os modelos de ensino, considerando-os arcaicos no que diz respeito as formas de inserir conteúdos multimídia dentro da sala de aula, Citelli (2011) defende que a entrada destes meios deve ser de forma planejada e alinhada ao propósito pedagógico. Para ele, “trazer os meios para a escola significa incorporar uma nova maneira de organizar a sociedade e reconhecer outra dinâmica da cultura, agora marcada por forte urbanização e distintas relações com o tempo e o espaço” (CITELLI, 2011, p. 103).

Orozco Gómez (2005) compartilha a ideia de que a tecnologia muda significativamente a maneira que novas gerações dialogam com os meios:

a lógica tradicional da linguagem escrita está se modificando por outra; sobretudo do hipertexto, do digital. Sobretudo as capacidades das novas gerações têm sido modificadas porque podem mais rapidamente assimilar informações simultaneamente, de diferentes meios.” (OROZCO GÓMEZ, 2005, p.18)

No entanto, diferente dos demais autores, entende que a responsabilidade de traçar um novo modelo pedagógico, em que a sala de aula e a mídia são pensados concomitantemente, deve ser uma responsabilidade do Estado.



---

Eu acredito que a resposta que os Ministérios da educação estão tendo em relação a esse fenômeno é totalmente instrumental, insuficiente e equivocada. Insuficiente porque unicamente está atendendo a um projeto de introduzir máquinas nas escolas e isso não é suficiente. Seria importante desenvolver uma metodologia para essa interação, para que realmente se aproveite o potencial dessas máquinas. (OROZCO GÓMEZ, 2005, p. 18).

Bredarioli (2014) aponta que recentes estudos de comunicação defendem que a configuração das novas mídias e da convergência midiática que se desenha, enquanto agentes socializadores, pedem a participação de receptores atuantes para que de fato possam desempenhar a contento seus papéis sociais. É preciso pensar, então, como e o que aprendemos nessa nova condição para sairmos do estado de puro e simples acesso à tecnologia (mas sem capital pessoal que permita o uso e a apropriação dos instrumentais técnicos). Somente a partir da aquisição de um capital cultural digital<sup>4</sup> – a ser conquistado a partir de elementos trazidos pela educação – é que poderemos discutir a formação de atores no que tange à interatividade advinda das novas mídias. Mais do que isso, essa condição, hoje, é necessária também para que os cidadãos tenham acesso à inserção no mundo do trabalho e no consumo.

Bourdieu (1998) atribui importância ao capital socialmente herdado pelo sujeito e que inclui componentes objetivos, postos a serviço do sucesso escolar como o capital econômico, o capital social e o capital cultural, dos quais o capital cultural teria o maior impacto na definição do destino escolar. Para o autor, o capital cultural favoreceria não só o êxito escolar, como também possibilitaria um melhor desempenho nos processos formais e informais de avaliação – e gostaríamos de acrescentar também aqui os processos de inserção midiática.

A partir da premissa de Bourdieu, torna-se claro que as classes populares têm um comportamento muito marcado pelas pressões materiais e pelas urgências temporais, em outras palavras, as classes menos favorecidas estariam mais condicionadas a lutar para satisfazer suas necessidades imediatas, restando-lhes pouco tempo, disposição e condição para a aquisição da chamada “cultura livre”. Dessa maneira, a posse de capital cultural favoreceria o desempenho escolar na medida em que facilitaria a aprendizagem dos

---

<sup>4</sup> “Pensamos o conceito de capital digital a partir da proposição de Bourdieu (1996) para capital cultural e social, como veremos a seguir, que envolve a formação e qualificação dos cidadãos a partir das diferentes experiências de aprendizado às quais está exposto, não apenas no ensino formal. A ideia do capital digital propõe, conforme também esclarecemos à frente, trazer essa proposta de Bourdieu para o uso das novas tecnologias e para a capacidade de produção e mobilidade diante dessas tecnologias.”



---

conteúdos e códigos escolares. As referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos (cultos, apropriados) e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos de casa por certas crianças, facilitariam o aprendizado escolar na medida em que funcionariam como uma ponte entre o mundo familiar e a cultura escolar. Importante destacar que se vê, neste caso, a importância do capital social como um instrumento de acumulação do capital cultural.

Hoje a educação precisa envolver a formação de receptores-atores aptos a interagirem com as mídias atuais e delas se tornarem parte integrante. A personalização da comunicação em pequenas telas que levamos conosco – que nos permitem novas possibilidades, novas convergências – nos coloca diante de uma também nova condição comunicativa, que modifica nossa maneira de ser e de estar no mundo. Mais do que isso, diante da mudança de época em que vivemos, a configuração das novas mídias e da convergência midiática que se desenha, enquanto agentes socializadores, pede a participação de receptores-atores (ou ‘prossumidores’).

Há uma grande diferença entre as pessoas que podem estar conectadas com a internet, beneficiando-se de uma grande quantidade de informações, de experimentação, de conhecimentos ou experiências estéticas, e a imensa maioria excluída, desligada desse mundo de bens e experiências. Mas não podemos permitir que nos bastem a constatação e o lamento. Precisamos compreender como essa mesma sociedade dividida está sendo transformada pela centralidade das tecnologias e dos sistemas de comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 125)

Segundo Martín-Barbero, o problema está em saber se a escola vai ser capaz de ensinar a ler livros não só como ponto de chegada, mas também de partida para outra alfabetização, a da informática e das multimídias. Isso implica pensar se a escola está formando o cidadão que não só sabe ler livros, mas também noticiários de televisão e hipertextos informáticos. (...) “O saber é disperso e fragmentado e pode circular fora dos lugares sagrados nos quais antes estava circunscrito” (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 126). A partir disso, acrescentamos ainda a ideia das brechas que permitem uma nova postura diante dessas mídias e da conectividade em rede, bem como da condição latino-americana, ou ainda da distância entre os países periféricos e centrais, embora o Brasil atualmente já seja o país com a maior média de horas de navegação pela internet.

Ao observarmos os processos comunicacionais da atualidade, especialmente os alocados no âmbito da internet, encontramos uma linguagem imagética intrinsecamente conectada à palavra, a signos possíveis apenas neste momento atual de nossa sociedade.

---

Passamos, assim, dentro dos estudos de Comunicação, a necessitar discutir outras condições e processos de letramento que permitam a inserção e o consumo de mercadorias que hoje ganham também novas acepções de valor. “(...) construção de cidadãos significa que a educação tem de ensinar as pessoas a ler o mundo de maneira cidadã”. (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 133).

Todo o processo já não depende mais apenas da transmissão, mas da experimentação, da criatividade para lidar com os novos meios, a partir do momento que, para descobrir sobre esses meios são necessárias nossas tentativas e experimentações. É nesse sentido que temos a chance de sermos otimistas com as novas telas, que pedem sujeitos criativos para dar continuidade ao processo de interatividade com essas tecnologias. Isso modifica a questão da audiência e interfere diretamente na condição de sermos receptores e emissores. Requer múltiplas alfabetizações, como dissemos, pois precisamos interagir com lógicas distintas de produção. Mas estamos em busca de novas alfabetizações sem termos conseguido “tradicionalmente”.

A questão central, quando se busca alcançar políticas emancipatórias e de vida – ambas vinculadas e interdependentes, no compósito de construção identitária e autorrealização –, tendo em mira o amplo quadro educativo em suas interfaces com a comunicação, (...) está em atualizar as relações entre os sujeitos/agentes, atentando para as mediações patrocinadas pelas múltiplas circunstâncias comunicacionais que os circundam. (CITELLI, 2011, p. 75)

## **METODOLOGIA**

Primeiramente, partimos nesta pesquisa de uma profunda revisão bibliográfica que busca definir com clareza os conceitos de inclusão, exclusão e letramento digital – dentro da perspectiva constituída pela interface Comunicação e Educação, que vão orientar o que posteriormente será analisado com o produto obtido com as pesquisas qualitativas aplicadas dentro do ambiente das escolas. Esta técnica também deve ser utilizada para a construção do primeiro capítulo, que reunirá as discussões atuais em torno da produção jornalística voltada ao ambiente digital.

No entanto, a principal metodologia que deverá ser aplicada na pesquisa deve seguir as possibilidades apresentadas pelos Estudos de Recepção. Para Santaella,

Aqui [no campo de recepção] cabem pesquisas sobre os modos como as mensagens são transmitidas e difundidas. (...) Está compreendida como processo de descoberta de significados que acontece quando o receptor entra em negociação e interage com a mensagem (SANTAELLA, 2010, p. 57-58).

---

Pretendemos nos inspirar particularmente nas técnicas empregadas em *O impacto da publicidade no campo comunicação/educação: recepção de professores e alunos de Ensino Médio*, pesquisa orientada pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Aparecida Baccega. Na ocasião, também foi avaliada a disputa entre os agentes de socialização **escola** e **mídia** como componentes complementares no processo de formação. Foi investigado, dentro das escolas, o conceito que alunos da segunda série do ensino médio e seus professores tinham da propaganda e sua influência na escola.

Aqui, pretendemos investigar como os alunos apreendem os conteúdos jornalísticos voltados para o ambiente digital e de que maneira se dá o processo de recepção diante do que lhes foi exposto dentro do ambiente de sala de aula. A coleta do material deve ser uma mescla entre questionários e entrevistas semi-estruturadas, sempre dentro da perspectiva dos Estudos de Recepção.

Para isso, essa pesquisa propõe o uso de técnicas complementares para permitir que cada uma delas ilumine um aspecto dos objetivos que pretendem ser alcançados a partir das seguintes ações a serem aplicadas, tanto no Colégio Augusto Laranja, quanto na E. E. Ministro Costa Manso. São elas:

- 1) fazer uma seleção de três notícias da editoria de política, por ser um tema que pode gerar muitos debates e que, por sua atualidade, não são temas contemplados no material didático, construídas e divulgadas sob formatos midiáticos diferentes. Todas as matérias serão selecionadas ao longo do mês anterior da aplicação da pesquisa e serão referentes ao contexto político do mês de janeiro.

- 2) elaborar de um questionário com perguntas que busquem verificar qual foi a apreensão do conteúdo e de que maneira – e se - aquilo dialoga com as dinâmicas de classe. Pensamos em perguntar, por exemplo “Quais foram as coisas mais importantes que você observou na matéria?”, “Quais características mais te chamaram atenção?”, “Quais imagens mais te chamaram atenção?”, “Você já conhecia esse assunto?”. A serem lapidadas com o aprofundamento da compreensão das lentes teóricas que dialogam com a perspectiva metodológica.

- 3) expor as reportagens para os alunos, preferencialmente em sala de aula, que deverão responder às questões propostas no item anterior;

- 4) propor entrevistas semi-estruturadas aos alunos que se dispuserem a dar continuidade à discussão sobre a temática apresentada (política nacional) e sua relevância no cotidiano do estudante;

5) analisar todo o material à luz dos conceitos sobre os quais estamos nos debruçando para a compreensão deste cenário.

A escolha por métodos que mesclam de forma complementar se dá porque a pesquisa orientada por Baccega considera que

pesquisas que envolvem a análise dos processos de produção e recepção possuem uma abordagem metodológica multi-estratégica, que permite a utilização de várias técnicas e instrumentos de observação metodológica de caráter direto ou indireto. Por isso, a pluralidade de técnicas que utilizamos (BACCEGA et al, 2006, p.5).

Em virtude da ampla bibliografia latino-americana sobre Estudos de Recepção, a pesquisa deve buscar fundamentação em autores que estabeleçam diálogo com o contexto brasileiro que estamos trabalhando. Nilda Jacks e Daiane Menezes fazem um panorama interessante com as perspectivas dos países vizinhos sobre o tema. A experiência peruana, citada pelas autoras, de observatórios de audiência se relaciona com as técnicas aqui empregadas.

Experiência importante e uma grande contribuição para ser aproveitada pelo restante dos países, vem do Peru. Trata-se da implantação observatórios de audiência com foco nas práticas dos receptores, cujo objetivo é observar o fenômeno da cidadania midiática (JACKS; MENEZES, 2007, p.10).

O que se busca desvelar no microespaço previsto para a realização da observação desta pesquisa é a “diferença entre as pessoas que podem estar conectadas com a internet, beneficiando-se de uma grande quantidade de informações, de experimentação, de conhecimentos ou experiências estéticas e a imensa maioria excluída, desligada desse mundo de bens e experiências”, conforme expõe (MARTIN-BARBERO, 2000, p.54), considerando que é preciso compreender como essa mesma sociedade dividida está sendo transformada pela centralidade das tecnologias e dos sistemas de comunicação.

Só assumindo a tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura é que a escola poderá inserir-se de novo nos processos de mudança atravessados pela nossa sociedade e interagir com os campos de experiência em que se processam essas mudanças (MARTIN-BARBERO, 2000, p.59).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado, não é mais possível separar a condição de aprendizagem do uso dessas telas. Assim, ao que nos parece, o momento em vigência para essa vinculação entre educação e comunicação. Ainda que consideremos que há um grande número de usuários que estão produzindo conteúdos, a grande maioria se mantém como

---

a audiência tradicional. Por isso é preciso identificar quais são as lógicas que estão por trás desses processos de produção e recepção desses conteúdos.

Com a Comunicação, o problema da cultura está em jogo. Também está em jogo o desafio da difusão do conhecimento. E enquanto pensarmos que seu universo se reduz e se delinea na informação disponível ou nas mensagens de mídia, estaremos deixando de lado a importância central que tem a construção simbólica do mundo em que vivemos. (CROVI DRUETTA, 2011, p. 119)

Passar da condição de audiência tradicional para a condição de usuários (de outras telas que não a TV, especialmente) é uma mudança paulatina que começa a ser percebida aos poucos, até chegarmos ao ponto, segundo Orozco-Gómez (2011), de darmos poder a nós mesmos para nos assumirmos como emissores competentes a influenciar os outros. E a nosso ver é aqui que entra o papel da educação – e conseqüentemente da escola enquanto outro agente socializador atuante em conjunto – como imprescindível nesse processo de aquisição de letramento para as novas mídias, ou para quaisquer outros agentes que participarem desse processo, ainda que o ensino tal qual se aplica hoje deva ser revisto para esse fim.

Nesta pesquisa, esperamos compreender um pouco melhor onde estamos no diálogo entre a produção jornalística e os jovens que frequentam escolas, já que este é o grupo que tem maior adesão à navegação na *web*. Para isso, nossa próxima etapa para a realização do projeto é aprofundar nossas leituras em torno do panorama das discussões acadêmicas e mercadológicas em torno do jornalismo digital. Neste momento, será definido o padrão de navegação do público em questão, alunos do ensino médio de escolas públicas e particulares, definido a partir da análise dos dados fornecida por pesquisas do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), principalmente a pesquisa TIC Domicílios. Em seguida, nos concentraremos no panorama dos debates sobre comunicação e educação, e analisar questões de letramento, inclusão e exclusão, com o objetivo de esclarecer conceitualmente o assunto sob essa ótica.

Por fim, esperamos que essa bagagem teórica nos permita elaborar um questionário adequado para a etapa da pesquisa que deve ser realizada em campo, assim como a análise de seus resultados, a fim de verificar quais são as diferenças na interpretação das notícias dentro de uma mesma faixa etária, com acesso a educação, mas com realidades econômicas distintas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

ARAÚJO, Júlio César. Os gêneros digitais e os desafios de alfabetizar letrando. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 46, n. 1, p. 79-92, 2007.

BACCEGA, Maria Aparecida. Conhecimento, informação e tecnologia. **Comunicação & Educação**. nº. 11. São Paulo: Moderna/CCA, 1998.

\_\_\_\_\_. Tecnologia e comunicação: produção e recepção por sujeitos contemporâneos. In: **Seminário Comunicação e Trabalho: pluridisciplinaridade, interfaces e mediações**, São Paulo, Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 23 e 24 ago. 2007.

\_\_\_\_\_. Tecnologia e construção da cidadania. **Comunicação & Educação**. nº 27. mai/ago de 2003. Disponível em <[www.eca.usp.br/departam/cca/cultext/comueduc/apresenta/artigo27.htm](http://www.eca.usp.br/departam/cca/cultext/comueduc/apresenta/artigo27.htm)> Acesso em 15 de outubro de 2004.

BACCEGA, Maria Aparecida et al. O impacto da publicidade no campo comunicação/educação: recepção de professores e alunos de ensino médio. In: **Comunicación local: da pesquisa á producción: actas do Congreso Internacional Lusocom 2006, Santiago de Compostela, 21 e 22 de abril de 2006**. Universidade de Santiago de Compostela, 2006. p. 451-471. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/educomjt/paginas/txt.publicidade.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2019.

BECKER, Beatriz. Entrevista com Mark Deuze. **Revista ECO-Pós**, v. 19, n. 1.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Paris, capital do século XIX**. São Paulo: Edusp, 1971.

BOURDIEU, Pierre. **Los tres estados del capital cultural**. Disponível em: <http://sociologiac.net/biblio/Bourdieu-LosTresEstadosdelCapitalCultural.pdf>. Argentina, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2008.

CITELLI, Adilson Odair. Meios de comunicação e educação: desafios para a formação de docentes. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, n. 5, 2011. Disponível em: <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/download/11/11>. Acesso em: 02 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Palavras, meios de comunicação e educação**. Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2002.

---

\_\_\_\_\_. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CROVI DRUETTA, Delia. Convergencia tecnológica, juventud e trabajo. **2001 efectos del globalismo y pluralismo**. Montreal: Gricis, 24-27 abr. 2002.

CRUZ, Regina Mara R. Limites e possibilidades das tecnologias digitais na educação de jovens e adultos. 185 f. 2008. 2008. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica)–Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; DA COSTA, José Wilson; DOS SANTOS, Ademir José. A exclusão digital: O reflexo da desigualdade social no Brasil. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 24, n. 2, p. 68-85, 2013.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane B. Estudos de recepção na América Latina: contribuição para atualizar o panorama. In: **E-Compós**. 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo. Aleph, 2015.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e comunicação: interconexões e convergências. **Educação & Sociedade**. Campinas, out. 2008.

MAGNONI, Antonio Francisco; MIRANDA, Giovani Vieira. Convergência midiática e cultura participativa: possíveis interações entre novas tecnologias e agentes sociais no campo da comunicação. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 185-198, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A comunicação na educação. **São Paulo: Contexto**, p. 7-42, 2014.

\_\_\_\_\_. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ofício de cartógrafo** – travessias latino-americanas da comunicação e da cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os Exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**/Jesús Martín-Barbero, Germán Rey; tradução de Jacob Gorender. - 2ª ed. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.



---

MORAES, Dênis de (org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MOREIRA, Carla. Letramento digital: do conceito à prática. **Anais do SIELP**, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2012.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Mídia, recepção e educação. **Revista FAMECOS**, v. 12, n. 26, p. 16-23, 2005. Disponível em:  
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3298/0>>.  
Acesso em: 02 jun. 2019.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Comunicação, educação e novas tecnologias: a tríade do século XXI. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SANTOS, Milton. Por uma globalização mais humana. **IN: O País Distorcido. Publifolha: São Paulo**, 2002.

OROFINO, Maria Isabel. Recepção e resposta: as webséries como índice para se pensar a emergência do prossumidor. In: CARRASCOZA, João Anzanello; ROCHA, Rose de Melo (orgs.). **Consumo midiático e culturas da convergência**. 1ed. São Paulo: Miró, 2011, v. 1, p. 153-169.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Um novo capital cultural – pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos populares. **Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2003, Belo Horizonte. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4907/1/NP11SETTON.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2007.

SORJ, Bernardo; GUEDES, Luís Eduardo. Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. **Novos estudos CEBRAP**, n. 72, p. 101-117, 2005.